

Desperta, Eva!



RVB | VKW

Vach

Wach





auf,



*nglicher & unveränderter Absicht
der vollen Gleichstellung der Frau.*

Katharine C. Bushnell

Reconheça a verdade bíblica do propósito original & inalterado de Deus: a plena igualdade da mulher.

Katharine C. Bushnell

Katharine C. Bushnell

Desperta, Eva! (*Wach auf, Eva!*)

Esta tradução alemã é dedicada à minha esposa Sabine, às nossas filhas e às nossas netas.

Um agradecimento especial é devido à minha esposa pela revisão, à minha filha e ao seu marido pelo título e pelo projeto gráfico da capa, e aos três por incontáveis conversas sem as quais este projeto jamais teria se realizado.

Katharine C. Bushnell

Desperta, Eva!

Reconheça a verdade bíblica do propósito original e inalterado de Deus: a plena igualdade da mulher

RVB

Informação bibliográfica da Deutsche Bibliothek

A Deutsche Bibliothek registra esta publicação na Deutsche Nationalbibliografie; dados bibliográficos detalhados estão disponíveis na internet em <http://dnb.ddb.de>.

ISBN 978-3-944472-25-6 (RVB)

ISBN 978-3-86269-206-4 (VKW)

© da tradução alemã: Reformatorischer Verlag

Friedensallee 76, 22765 Hamburg

Título original em inglês: “God’s Word to Women”

Tradução alemã, composição, diagramação: H. Christian Beese

Projeto gráfico da capa: LUI & LEI Hamburg

Fotos da capa:

Takayuki Ohara / EyeEm, Getty Images

blacked, Getty Images

As citações bíblicas da edição alemã provêm, salvo indicação em contrário, sempre da Bíblia Elberfelder (tradução alemã da Bíblia)

Impressão: CPI

RVB

Hamburg Bonn

Sobre a autora

Katharine C. Bushnell (1855-1946) foi uma serva de Deus corajosa e talentosa, que tinha feito do versículo “Tudo posso naquele que me fortalece” o lema da sua vida. Ela foi médica, missionária, embaixadora da cruz, reformadora, autora e conferencista, além de uma estudiosa brilhante e original, que falava sete idiomas e dominava o grego antigo e o hebraico. Bushnell deixou a medicina para fazer aquilo que considerava um trabalho ainda mais importante, a saber, mudar as condições de vida degradantes das pessoas, assumindo um papel de liderança na *Women’s Christian Temperance Union* (WCTU), do movimento de mulheres do século 19. A posição bíblica das mulheres era de grande importância para Bushnell, pois ela chegou à conclusão de que traduções erradas eram responsáveis pela subjugação social e espiritual das mulheres. No ano de 1896, ela deixou a WCTU para dedicar os anos que lhe restavam à tarefa de escrever e transmitir a verdade bíblica do propósito original e inalterado de Deus: a plena igualdade das mulheres.

God’s Word to Women, de Katharine Bushnell, é um estudo pioneiro que examina cuidadosamente cada passagem bíblica sobre as mulheres. Jessie Penn-Lewis disse que este material abriu as Escrituras de uma forma que só pode ser descrita como uma revelação vinda diretamente de Deus. Para muitos, hoje, ele é o livro que lhes transmitiu a liberdade de ser aquilo para o que Deus os chamou e de fazer a obra que o Espírito Santo colocou no seu coração.

“Katharine Bushnell morreu acreditando que a sua vida deixara pouco impacto. Mas Deus sabia melhor.”

Durante o seu tempo como médica missionária na China, Bushnell descobriu que a Bíblia chinesa tinha sido traduzida de forma errada para reforçar preconceitos culturais contra o ministério das mulheres. Ela se perguntou se os mesmos preconceitos masculinos talvez também afetassem as traduções inglesas e aprofundou o seu estudo do hebraico e do grego. Mais tarde, enquanto viajava pelo mundo inteiro a serviço da WCTU, aproveitava as horas nos trens, nos navios e nas acomodações onde se hospedava para comparar cuidadosamente as traduções da Bíblia com o texto nas línguas originais.

Por meio da experiência e do estudo, Deus preparou Katharine Bushnell para escrever *God's Word to Women*. Iniciado em 1908 como curso por correspondência, o livro foi publicado primeiro pela própria Bushnell, de forma independente. Apesar das reações positivas iniciais, o livro logo desapareceu; e Bushnell morreu acreditando que a sua vida deixara pouco impacto. Mas Deus sabia melhor! O livro foi redescoberto e continua sendo publicado por aqueles que reconhecem o seu valor inestimável. Hoje ele finalmente recebe o merecido reconhecimento como fonte literária fundamental para aqueles que trabalham na linha de frente da igualdade bíblica das mulheres.

Sumário

Lição		Página
	Apresentação do atual editor e tradutor	11
	Prefácio à edição de 1943	15
	Prefácio da autora	19
1	Princípios fundamentais	21
2	Crítica textual (legítima e ilegítima)	25
3	Fatos e fábulas	29
4	O começo do mal	33
5	A fábula da “costela”	37
6	A lei de Deus para o casamento (Gênesis 2:24)	41
7	A lei de Deus para o casamento (conclusão)	45
8	A dignidade da mulher nos tempos primitivos	49
9	A escolha de Eva e a escolha de Adão (Gênesis 3)	53
10	Eva se torna crente	57
11	Eva e os seus difamadores	61
12	O ensino bíblico sobre a conduta de Adão e Eva	65
13	Deus amaldiçoou a mulher?	69
14	A interpretação errada (Gênesis 3:16)	73
15	Satanás está à espreita	77
16	A advertência de Deus a Eva	81
17	Traduções antigas de teshuqah	85
18	História das traduções de teshuqah	89

Lição		Página
19	Visão geral com a ajuda de um diagrama	93
20	Esposas não escravizadas	95
21	Uma divisão na primeira família	99
22	Os primeiros pecados e os seus frutos	103
23	Grandes conclusões a partir de pequenas premissas	107
24	Grandes conclusões a partir de pequenas premissas (conclusão)	111
25	As mulheres devem se calar?	115
26	As mulheres devem se calar? (1 Coríntios 14:34)	119
27	As mulheres devem se calar? (continuação)	123
28	As mulheres devem se calar? (conclusão)	127
29	A sutileza do véu	131
30	A sutileza do véu (continuação)	135
31	A sutileza do véu (conclusão)	139
32	O que Paulo realmente ensina sobre o véu	143
33	O que Paulo realmente ensina sobre o véu (conclusão)	147
34	Como o “poder” se tornou “véu”	151
35	Como o “poder” se tornou “véu” (conclusão)	155
36	Ser cabeça no Antigo Testamento	159
37	Ser cabeça no Novo Testamento	163
38	O que significa “submissão”?	167
39	As mulheres devem obedecer?	171
40	As palavras de Paulo a Timóteo sobre as mulheres (1 Timóteo 2:8-15)	175
41	As palavras de Paulo a Timóteo à luz da história	179
42	As palavras de Paulo a Timóteo à luz da história (conclusão)	183
43	As palavras de Paulo a Timóteo explicadas	187
44	As palavras de Paulo a Timóteo explicadas (continuação)	191
45	As palavras de Paulo a Timóteo explicadas (conclusão)	195
46	Desculpas desnecessárias para a lógica paulina	199
47	Observações finais sobre o marido como cabeça	203
48	“Dois pesos diferentes”	207
49	A nossa fé deve se basear no texto original	211
50	Uma lição de humildade	213
51	Uma lição de humildade (conclusão)	217
52	O que é mansidão?	221

Lição		Página
53	Mansidão e humildade para as mulheres	225
54	O capítulo recém-descoberto na história das mulheres	229
55	Endogamia e exogamia	233
56	A origem da exogamia	237
57	A verdadeira causa da exogamia	241
58	Outras provas da dignidade da mulher na pré-história	245
59	Outras provas ... (conclusão)	249
60	Mais sobre a mulher nas eras pré-históricas	253
61	O parentesco é contado pela linha materna	257
62	A transição para a linha de parentesco masculina	261
63	“E quem refletirá sobre a Sua geração?”	265
64	O acontecimento mais bem atestado da história humana	269
65	O nascimento virginal	273
66	A fundação de uma família cristã	277
67	A fundação de uma família cristã (continuação)	281
68	A fundação de uma família cristã (continuação)	285
69	A fundação de uma família cristã (conclusão)	289
70	Isaque e Rebeca	293
71	A legislação mosaica não era ideal	297
72	Os estatutos mosaicos e as mulheres	301
73	Os estatutos mosaicos e as mulheres (conclusão)	305
74	O Antigo Testamento e a poligamia	309
75	O Antigo Testamento e a poligamia (conclusão)	313
76	As mulheres na Antiguidade e nos tempos posteriores	317
77	Preconceitos sexuais influenciam os tradutores	321
78	Preconceitos sexuais influenciam os tradutores (continuação)	325
79	Preconceitos sexuais influenciam os tradutores (conclusão)	329
80	“Bendita seja Jael”	331
81	“Pois nenhuma palavra que vem de Deus ficará sem poder”	335
82	“Pois nenhuma palavra que vem de Deus ficará sem poder” (conclusão)	339
83	A Pericope de Adultura (João 8:1-11)	343
84	A autenticidade da Pericope	347
85	“Bordas rasgadas e desfiadas”	351
86	“Não pode” ou “não faz” (Mateus 19:11)	355

Lição		Página
87	Conselho para uma situação de emergência (1 Coríntios 7)	359
88	Profetisas no AT	363
89	As mulheres podem pregar	367
90	As mulheres devem pregar e ensinar	371
91	Também mulheres foram testemunhas	375
92	Também mulheres foram testemunhas (conclusão)	379
93	As mulheres são preparadas como testemunhas	383
94	As mulheres são ungidas como testemunhas	387
95	O grande destino da mulher	391
96	Mais uma unção para as mulheres	395
97	A natureza da predição bíblica	399
98	O “grande sinal”	403
99	Quem é “a mulher”?	407
100	Um direito de primogenitura ou um prato de lentilhas?	411
	ANEXOS:	
	Índice de passagens bíblicas	415
	Índice de palavras-chave e de nomes	430
	Diagrama de teshuqah	461
	Parágrafos omitidos na tradução nas lições 49 e 79	463
	Cronologia da vida de Katharine Bushnell	467

Apresentação do editor e tradutor da edição alemã

Mais um “livro sobre mulheres” a partir de uma perspectiva fiel à Bíblia? Já não existem livros suficientes sobre isso? Pode ser, mas (quase) todos eles defendem uma única e mesma visão: a do chamado “complementarismo”. Esse termo transmite a ideia de uma complementação mútua, de um encontro de igual para igual entre homem e mulher. Numa reflexão mais atenta, porém, ele se revela um eufemismo. Segundo a Wikipédia (em alemão), “um eufemismo (ou também palavra atenuante, embelezamento, palavra encobridora, palavra-véu ou disfarce) é uma expressão linguística que designa uma pessoa, um grupo de pessoas, um objeto ou um fato de forma embelezadora, atenuante ou com a intenção de encobrir”. É exatamente isso que faz a expressão “complementarismo”: ela descreve de forma embelezadora, atenuante e com a intenção de encobrir o fato da subordinação unilateral da mulher ao homem. O termo em si é relativamente novo, mas a coisa, ou seja, a doutrina que se esconde por trás dele, é antiquíssima – embora não, como alguns querem nos contar, tão antiga quanto a criação, nem sequer tão antiga quanto a Queda.

Nos EUA, entre cristãos fiéis à Bíblia, já há muito tempo se trava um debate animado entre “complementaristas”, de um lado, e “igualitaristas”, do outro. Na Alemanha, esse debate ainda está

engatinhando. Atualmente, a visão “complementarista” detém, sem contestação, o domínio do espaço aéreo em amplos círculos do mundo evangélico. Este livro é uma forte defesa da visão “igualitarista”.

A doutrina da subordinação, da sujeição ou submissão da esposa ao seu marido, e até de modo geral da mulher ao homem, estabeleceu-se em muitos círculos evangélicos fiéis à Bíblia como elemento *sine qua non* da ortodoxia. Ela se apoia em alguns versículos das cartas de Paulo e da Primeira Carta de Pedro, mas recua ainda mais, até o relato da criação, os primeiros capítulos do Gênesis, e chega a ancorar a sua doutrina na estrutura interna da Santíssima Trindade. Ela parte, implícita ou explicitamente, de uma “culpa original” maior de Eva, que pesa continuamente sobre o sexo feminino e o prejudica até hoje, e que impede a igualdade na vida da igreja redimida na terra. Como, com uma concepção dessas, o alcance e a eficácia do sacrifício expiatório substitutivo de Cristo na cruz do Gólgota são postos em dúvida, nesse debate está em jogo nada menos do que os fundamentos da fé cristã. Nesse sentido, podemos até ser gratos aos defensores convictos do complementarismo por expressarem abertamente, para todos os que têm ouvidos para ouvir, o caráter não evangélico dessa doutrina, ao apresentarem o homem, de fato, como um mediador entre a mulher e Cristo, contradizendo assim o ensino de Paulo de que há *um* só Deus e *um* só Mediador entre Deus e os homens, a saber, o homem Cristo Jesus (1 Timóteo 2:5).

Também o movimento reformado na Alemanha, relativamente jovem e ainda frágil, não fica imune a esse pensamento. Por diversos canais, não por último a partir do evangelicalismo e do neocalvinismo norte-americanos, essa doutrina se entranhou profundamente no fundamento soteriológico, antropológico e eclesiológico desse movimento, de modo que muitos que a absorveram com o seu leite materno espiritual já não conseguem imaginar uma fé fora desse modo de pensar sobre a posição da mulher.

Um fenômeno é que também mulheres nas igrejas defendem essa visão com ênfase. Isso é menos enigmático e, além disso, psicologicamente compreensível, se considerarmos que aqui se põe em campo uma série de outros eufemismos, como “verdadeira feminilidade”, “mulher segundo o coração de Deus” etc. etc.

Outro fenômeno é que mesmo aqueles que olham o “complementarismo” com desconfiança ou de forma crítica geralmente se calam e evitam o debate sobre ele – um debate que, da parte dos “complementaristas”, muitas vezes é travado com armas desleais. Assim, todo aquele que defende outra visão é, por reflexo, classificado como liberal, modernista e feminista, que despreza as “palavras claras de Deus” e se rebela contra as “ordenanças de Deus”. Como faltam argumentos compreensíveis e logicamente plausíveis para uma submissão unilateral das mulheres cristãs, até negadores convictos da predestinação e da eleição soberanas de Deus gostam de recorrer, na “questão da mulher”, à soberana liberdade de Deus, com a qual ele teria estabelecido as suas “ordens hierárquicas”.

Sobre tudo isso sopra uma forte brisa daquele legalismo que Paulo denunciou e combateu incansavelmente nas suas cartas. Na internet encontram-se séries inteiras de sermões sobre esse tema. Num sermão, o pastor admite que “nós não sabemos” o que Paulo queria dizer com o “véu”; mas, para ser “obedientes e estar do lado seguro”, todas as mulheres deveriam, por precaução, cobrir-se no culto, e “as esposas dos pastores já vão dando o bom exemplo”.

O “domínio do espaço aéreo” espiritual do “complementarismo” é flanqueado por nomes de peso e por comentários, Bíblias de estudo e dogmáticas de alto nível, muito lidos e, de resto, bons, nos quais, porém, olhando mais de perto, uma coisa chama a atenção: enquanto em quase todos os temas e

aspectos da doutrina espiritual se revira cada pedrinha linguística e exegética, por menor que seja, na “questão da mulher” reina, para dizê-lo de forma gentil, certo descuido; poder-se-ia dizer também quase algo como uma esperteza exegética manipuladora. Quando, por exemplo, Wayne Grudem, na sua Teologia Sistemática, escreve sobre o ponto nada insignificante de que “auxiliadora” (*Gehilfin*) em Gênesis 2:18 na verdade significa “ajudador” (*Helper*; hebr. `ezer) – uma palavra que, como ele explica corretamente, é usada com frequência para o próprio Deus –, que “sempre que alguém ajuda outra pessoa, ... a pessoa que ajuda assume uma posição subordinada e inferior em relação à pessoa que é ajudada”, isso não é apenas indigno de um intelecto muito capaz em outros contextos, mas um rebaixamento de Deus, que é o nosso grande Ajudador. Ou quando outro intérprete deduz do fato de Adão dar nome a Eva duas vezes (“varoa” – *Männin* – e “Eva, mãe de todos os viventes”) uma pretensão geral de superioridade e de domínio do homem sobre a mulher, isso é absurdo diante do fato de que, no AT, as pessoas muitas vezes, depois de grandes experiências de livramento, deram espontaneamente nomes a Deus. Esses são dois exemplos de obras atuais. Poderiam ser citados outros casos, mas fico por aqui.

Com frequência ouço o argumento de que os primeiros cristãos, os pais da igreja e os reformadores defendiam, todos eles, a visão do “complementarismo”, e de que todo aquele que ousa ter outra visão sobre a “questão da mulher” entra em conflito com 2000 anos de história da igreja. É verdade que muitos pais da igreja tinham uma visão muito questionável das mulheres e que também os reformadores do século 16, de modo geral, não trouxeram nenhuma luz nova a essa questão. Mas, se aceitássemos o fator de longa duração como argumento para a validade de uma doutrina, nunca deveria ter havido uma Reforma, pois também a grande Reforma foi, não por último, um questionamento de heresias firmemente estabelecidas, que tinham se mantido durante muitos séculos. É de esperar que também para a “questão da mulher” chegue o tempo em que estruturas de pensamento endurecidas se rompam, para o bem de ambos os sexos na igreja, e em que possa entrar um novo espírito daquela liberdade cristã (também do preconceito ligado ao sexo) para a qual fomos chamados.

A importância atribuída a essa doutrina nos países ocidentais é, não por último, um fenômeno civilizacional ou também da prosperidade. De países como, por exemplo, o Irã ou também a China, há relatos de que as mulheres desempenham um papel acima da média na propagação do Evangelho e na edificação de igrejas jovens sob as condições mais difíceis.

Neste livro, publicado originalmente no começo do século 20 como curso por correspondência, Katharine Bushnell nos leva numa viagem pela Bíblia – do Gênesis ao Apocalipse. Ela trata de inúmeras passagens bíblicas relevantes para a “questão da mulher”. O seu conhecimento sólido das línguas bíblicas e os seus longos anos de estudo trazem nova luz a muitas passagens das Escrituras de aparência críptica. Além disso, ela aborda muitos argumentos, tanto da chamada pesquisa histórico-crítica quanto do darwinismo. Ela cita numerosos cientistas naturais e antropólogos culturais da sua época. Como médica missionária muito viajada e embaixadora do Evangelho, traz repetidamente experiências pessoais e conhecimentos práticos.

Este livro foi concebido intencionalmente de modo a convidar ao estudo pessoal e ao aprofundamento. (Quase) cada uma das 100 lições termina com um espaço para anotações pessoais, e no fim do livro estão anexados um extenso índice de passagens bíblicas e um índice de termos e de nomes com explicações das palavras.

Katharine Bushnell insere repetidamente apelos enfáticos e bem fundamentados às irmãs para que se dediquem ao estudo das línguas bíblicas, a fim de lerem o que a palavra de Deus realmente tem a lhes dizer, em vez daquilo que os homens dizem que ela lhes diz. Estou convencido: antes de experimentarmos o despertar espiritual pelo qual ansiamos e oramos, as nossas igrejas precisam passar por uma reorientação nessa questão enormemente importante, de modo que as mulheres sejam libertadas da sua mudez e da sua existência à sombra e possam seguir o seu chamado, dado por Deus, como colaboradoras iguais no Evangelho.

H. Christian Beese, Hamburg, outubro de 2020

Lição 6 – A LEI DE DEUS PARA O CASAMENTO

“Por isso, deixará o homem [marido] seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher.”

45 A obediência a esta lei fundamental do casamento, de Gênesis 2:24, teria protegido as mulheres de jamais se tornarem uma mera propriedade e, assim, teria mantido toda a humanidade num nível moral mais elevado. Pensem só no que também hoje se poderia alcançar para a dignidade moral dos povos pagãos se os missionários exigissem de seus convertidos que observassem a lei bíblica do casamento. Os fatores que contribuiriam para aliviar a opressão das mulheres orientais seriam os seguintes: (1) O marido, como *provedor do sustento*, teria um valor financeiro no lar de sua esposa; ao passo que agora a mulher, como produtora de cada vez mais filhos a serem alimentados, fica exposta a maus-tratos, sobretudo quando dá à luz uma filha. (2) O homem, não impedido por filhos ainda não nascidos, bebês ou um pequeno bando de crianças indefesas, não poderia ser feito escravo num lar alheio, porque iria embora e deixaria o sustento de sua mulher e filhos necessitados àqueles que o maltratassem. Mas as limitações da maternidade e a força do amor materno fazem das mães vítimas daqueles que querem escravizá-las. (3) O homem não é feito de tal modo que possa ser despojado à força de sua virtude ou que sua pessoa seja transformada numa mercadoria lucrativa para uma casa alheia; mas esses males são com tanta frequência a sorte das viúvas deixadas no lar alheio de seus maridos falecidos que, em alguns países orientais, especialmente na Índia, a própria palavra “viúva” tem má fama. (4) Durante a gravidez e o parto, a mãe costuma ser cuidada com carinho quando está com a própria mãe, seja sob o teto de seu pai, seja nas proximidades. Mas num lar alheio ela é muitas vezes vergonhosamente negligenciada nesses momentos; e isso, a longo prazo, enfraquece toda a humanidade. (5) A prática de manter a filha em casa depois do casamento e de mandar o filho para fora de casa depois do casamento significaria um enorme freio aos casamentos infantis, pois os pais não se separariam muito depressa de membros da família que contribuem para a prosperidade dela.

46 Todas as mulheres deveriam saber que a Palavra de Deus, nesse aspecto, fez do mundo, no princípio, um bom lugar para elas e, com essa lei do casamento, pôs uma grande trava à sua degradação nos primórdios da história humana – trata-se, de fato, da primeira lei de ética social para a conduta da vida humana. Além disso, a pesquisa confirma cada vez mais que essa lei, nas épocas mais antigas da história humana, salvo poucas exceções, não era letra morta, como é hoje. Era costume que o homem ou vivesse sob o teto dos pais de sua mulher, ou a visitasse ali com frequência – ela nunca deixava a proteção de seus pais. Os *pais* eram os “protetores naturais” de suas filhas casadas, – não o marido, que não raramente se mostrava indigno da confiança nele depositada. O costume dos tempos primitivos era considerá-lo, com certa dose de sadia desconfiança, um estranho, até que ele tivesse de fato provado sua capacidade de cuidar de uma mulher de maneira adequada.

“Os pais eram os ‘protetores naturais’ de suas filhas casadas, – não o marido, que não raramente se mostrava indigno da confiança nele depositada.”

47 A maior vantagem de a mulher permanecer, depois do casamento, junto de seus próprios parentes ou perto deles (sendo, portanto, sua família o seu “protetor natural”) consistiria sobretudo em fortalecer a moral da sociedade. Há alguns anos, um médico de uma de nossas maiores cidades recebeu apoio da polícia para investigar muito a fundo o “mal social” da cidade, e publicou os depoimentos analisados de centenas de mulheres e moças em situações de vida mal-afamadas. Não tenho o livro dele à mão para citá-lo, mas sua conclusão, se bem me lembro, era que o *casamento com homens maus* era uma causa frequente de prostituição. Moças jovens casavam-se com os homens que dormiam com elas, sem muita reflexão ou conhecimento do caráter deles; e depois o casamento as colocava numa situação tão desvantajosa diante de seus maridos que podiam ser empurradas para a rua, à força ou pelo puro desespero, para ganhar dinheiro com a imoralidade [dos homens]. Talvez o marido não tivesse se casado com ela originalmente com o objetivo de obrigar sua mulher a ganhar a vida dessa maneira; mas, como ele mesmo não tinha um verdadeiro senso de decência, em tempos difíceis não conseguia ver razão alguma para que sua mulher não ajudasse a ganhar o sustento de modo imoral. Justamente para enfrentar tais emergências, os parentes de uma mulher deveriam ter o direito de intervir quando um perigo assim ameaça. A lei do casamento deveria permitir-lhes permanecer em contato estreito com sua filha ou irmã. Mas, do jeito que a situação está agora, um homem assim pode, se quiser, levar sua mulher até o fim do mundo, e ninguém pode impedi-lo.

48 Para saber que consequências isso pode ter, basta visitar uma grande cidade oriental. Para citar só um exemplo, não esquecerei tão cedo como certa vez, ao anoitecer, visitamos uma rua de má fama numa dessas grandes cidades orientais. Entre as muitas moças infelizes que vimos, ficamos sabendo que um grande número eram mulheres jovens que pensavam ter se casado com distintos atacadistas de casas comerciais orientais. Caçadores de escravos tinham encontrado essas moças nas aldeias da Europa, da Inglaterra e da América, tinham dormido com elas, realizado com elas uma cerimônia de casamento regular e depois as tinham levado ao mercado de escravos oriental. Regularmente, todas as noites, seus “maridos” percorriam as casas que possuíam e verificavam se tudo estava em ordem para a noite. Depois iam ao seu clube ali perto (que visitamos na ausência deles), banquetevavam-se com a comida e a bebida que suas escravas tinham ganhado e voltavam às duas ou três da manhã, depois de uma farta bebedeira, e tomavam de suas mulheres escravizadas cada centavo que elas tinham ganhado nesse meio-tempo. Muitas vezes as açoitavam quando a quantia era menor que a habitual. O tráfico de escravas brancas nunca receberá seu golpe mortal enquanto não tivermos leis matrimoniais que garantam uma proteção adequada das mulheres contra maridos maus; e tal proteção não será suficiente enquanto os parentes de uma mulher, se forem pessoas decentes, não forem reconhecidos pela lei como seus “protetores naturais”, que não permitem que um homem leve sua mulher para um país estrangeiro – mesmo que a mulher, excessivamente confiante, esteja disposta a ir – quando a mudança for contra a decisão da família dela, isto é, a menos que ele possa apresentar diante do tribunal uma razão adequada para isso.

“Quanto a lei de Deus para o casamento nos ensina sobre seu cuidado paterno e sua proteção de suas filhas!”

49 Exatamente esse abuso da relação conjugal pode ser observado entre os japoneses (e em grau doloroso) na costa do Pacífico dos Estados Unidos. Existe no Japão uma agência matrimonial secreta que está constantemente à procura de moças japonesas que irão para a América para se casar.

Também homens dessa agência voltam repetidamente ao Japão para se casar com moças e levá-las para a América. Muitas vezes esses homens japoneses pertencem a boas famílias, mas eles mesmos foram corrompidos pela permanência em terras estrangeiras. Sabendo que eles vêm de boas famílias, os pais das moças confiam que tratarão bem suas filhas depois de se casarem com elas. Assim essas moças são apanhadas; e toda noite, na América, são empurradas para a rua e para pensões japonesas de má fama, para ganhar dinheiro para esses “maridos” com quem foram honradamente casadas. Isso não é imaginação. Sei disso pelo testemunho de cavalheiros japoneses cristãos, de missionários cristãos, de cônsules japoneses e de pessoas semelhantes.

Quanto a lei de Deus para o casamento nos ensina sobre seu cuidado paterno e sua proteção de suas filhas! Logo no princípio, seu primeiro mandamento expresso mostra que os direitos e a dignidade delas lhe são caros ao coração.

Lição 7 – A LEI DE DEUS PARA O CASAMENTO (conclusão)

50 Deus queria que o casamento humano fosse uma figura tipológica da união de Cristo com a igreja, ou a “Nova Jerusalém”, sua noiva. Cristo despojou-se de toda a glória que tinha junto de seu Pai e veio a esta terra para se unir a nós. Mas o casamento não devia simbolizar apenas a primeira vinda de Cristo, e sim incluir também o conceito de sua segunda vinda; somente os dois casos juntos fazem o tipo retratar plenamente o antítipo. Todo casamento cristão deveria honrar esses dois acontecimentos. O afastamento do marido em relação aos laços de parentesco devia ser uma compensação pela renúncia da esposa ao amor-próprio, ao assumir os riscos do parto e da criação dos filhos. É isso que Paulo ensina em Efésios 5:31-32, onde cita a obrigação de que o homem renuncie a seus parentes por sua mulher, e acrescenta: *“eu, porém, me refiro a Cristo e à igreja”*. Adão e Eva foram criados ao mesmo tempo e estavam primeiro juntos, e depois foram separados durante um “sono profundo” que veio sobre Adão. Assim Cristo esteve conosco e depois foi separado de nós pelo “sono profundo” da morte, enquanto nós, pela fé em seu sangue derramado, saímos por assim dizer de seu lado ressuscitado. Adão foi separado para que pudesse ser reunido a Eva, numa alegria maior do que nunca, – numa alegria tal que, para celebrar o acontecimento, lhe brotou espontaneamente dos lábios uma poesia, que o Dr. R. F. Horton pôs em versos:

*“She, she is bone of my bone,
And flesh of my flesh is she;
‘Woman’ her name, which has grown
Out of man,—out of me.”*

51 E um dia Cristo voltará, “para a nossa alegria” – pois, como ele disse (João 16:7), era “conveniente” para nós que ele fosse embora e voltasse. E um dia compreenderemos o que agora não percebemos: que Cristo é o nosso “outro eu”, como Adão o reconheceu em Eva; *“porque somos membros do seu corpo”* e, *“unidos ao Senhor”*, somos também *“um espírito”*. Maria Madalena parece ter sido a primeira a descobrir isso como experiência – pois ela gritou ao suposto jardineiro: *“Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei”*, uma reivindicação inconsciente do corpo dele como *sua legítima propriedade*, num amor de castidade sem sexo. Não admira que ele só pudesse se revelar a um amor assim! (João 20:11-18).

52 No tempo em que Cristo estava na terra, era costume que o noivo e seus amigos, numa procissão nupcial, fossem buscar a noiva na casa do pai dela e a levassem para a casa do pai dele. Mas a

parábola de Cristo sobre as dez virgens (Mateus 25:1-13) não transmite a imagem de tal violação da lei divina. As virgens esperam *na casa dos pais da noiva* e, quando soa o clamor de que o noivo está chegando, saem ao seu encontro e o trazem, com seu séquito, para uma festa no lar da noiva. “Normalmente a noiva era buscada pelo noivo e seus amigos; mas aqui é tarefa das virgens ir buscar o noivo, e o casamento parece ocorrer na casa da noiva, como em Juízes 14:10” (De Wette, citado por Lange). Assim será também quando Cristo voltar. Aqueles que esperam a sua vinda e se preparam para ela sairão, ao clamor de sua vinda, para serem “*arrebatados ... entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares*”, e depois voltarão à terra, o lar da noiva, para a festa de casamento, onde viverão e reinarão com ele mil anos (veja 1 Tessalonicenses 4:17; Apocalipse 20:6).

Sobre as vantagens que a lei de Deus para o casamento traria às mulheres, não fiz apenas suposições. A lei de Deus para o casamento foi *observada* nas épocas mais antigas da humanidade. Esse fato os arqueólogos vêm trazendo à luz recentemente; e (na medida em que houver espaço para isso) apresentarei um breve esboço de suas descobertas.

53 O primeiro a escrever sobre esse tema nos tempos modernos foi Bachofen, um jurista suíço, no ano de 1861. O Sr. J. F. McLennan tornou-se o defensor das descobertas dele em inglês e publicou, além disso, suas próprias pesquisas sobre o assunto. Muitos outros, como Tylor, Westermarck, Fraser, Lord Avebury (Sir John Lubbock) e Robertson Smith, seguiram-no. De fato, nenhuma história moderna de um povo antigo é considerada completa a menos que comece com a época em que havia tanto matriarcados quanto patriarcados. No capítulo 36 de Gênesis, descobrimos que alguns dos “príncipes de Edom” eram mulheres.

54 Três traços principais caracterizam essa civilização primitiva: (1) Os pais de uma esposa, juntamente com os próprios parentes dela, continuam sendo, a vida inteira, seus “protetores naturais”; (2) os bens da casa são mantidos unidos pelas mulheres; (3) a linha de parentesco é contada pelas mulheres e não pelos homens, pois, quando os homens se casam, ficam separados de seus parentes; os filhos são conhecidos pelo nome de família da mãe. Essa forma de civilização é muitas vezes designada pelo nome de “linhagem feminina”, porque o terceiro ponto mencionado é a causa de todo o resto. McLennan, por exemplo, falando da decadência social das mulheres gregas, diz: “Vemos que *nenhuma causa* poderia ter produzido isso enquanto as linhas de parentesco através das mulheres conservassem sua antiga importância. Por outro lado, podemos reconhecer uma causa suficiente para a decadência na supremacia gradualmente crescente da linhagem masculina e nas mudanças no sistema matrimonial que essa supremacia trouxe consigo.”

55 Surge a pergunta: o que provocou essa mudança da linhagem feminina para a masculina? Evolucionistas modernos, que não querem admitir uma revelação divina, dizem que primeiro se espalhou uma promiscuidade geral; e, como nenhum homem conhecia seus próprios filhos, em consequência só se reconheceu a linhagem feminina. Mas os principais evolucionistas, Darwin e Spencer, dizem que tal promiscuidade nunca foi predominante; e isso pesa muito contra a teoria, pois eles eram os evolucionistas mais importantes. Além disso, a Bíblia nos revela a verdade, e não precisamos ficar refletindo longamente sobre a teoria dos evolucionistas. A lei de Deus para o casamento estabeleceu no princípio a linhagem feminina; e por que um caráter tão abominável como Lameque teria sido descrito na Bíblia, senão para documentar a violação dessa lei do casamento e o início da poligamia? Um pouco adiante, nos versículos iniciais do capítulo 6 de Gênesis, lemos sobre a tomada de posse de mulheres “por atacado”; e, segundo o relato, “*a terra estava cheia de violência*”. O filho de Lameque “forjava cobre e ferro”, como lemos no capítulo quatro; e o primeiro emprego de

armas de guerra de ferro foi para capturar mulheres. Quando essas mulheres capturadas eram arrancadas de seus parentes, elas e seus filhos passavam a ser identificados com os parentes do marido; e assim surgiu uma linhagem masculina. Nem mesmo o Dilúvio erradicou o costume de capturar mulheres, pois lemos no livro de Juízes sobre Débora, que faz guerra contra Sísera por causa de seus crimes contra mulheres; e da mãe de Sísera se diz que ela espreitava a volta de seu filho com os despojos da guerra – *“Uma moça, duas moças por cabeça de cada homem”*.

56 O Dr. A. C. Dixon diz num artigo no *London Christian* (16 de novembro de 1911): *“Olhem para essa civilização que o próprio Deus fundou, e vocês o ouvirão dizer: ‘Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne’. À mulher é concedida a precedência. Não é a mulher que deixa o pai e a mãe e se une ao seu marido; mas é o homem que deixa sua mãe e seu pai e se une à sua mulher.”* Num ponto não concordo com o Dr. Dixon. A civilização baseada nessa lei de Deus para o casamento não tornava a mulher superior ao seu marido, mas impedia que ela se tornasse sua subordinada. Nesse contexto, a história de Jacó e suas mulheres, Lia e Raquel, é instrutiva. Quando ele quer deixar seu sogro, pede humildemente às suas mulheres que o acompanhem. E elas não dizem: *“É nosso dever seguir nosso marido”*, mas: *“Temos duas razões para irmos: nosso pai não nos deu herança; e ele guardou para si o salário de Jacó, que deveria ter sido pago a nós e aos nossos filhos”* (Gênesis 31:14-16). Daí se depreende que, lá onde essas mulheres viviam, os homens não vendiam suas filhas em casamento, e que as mulheres não se sentiam obrigadas pelo casamento a seguir seus maridos até o fim do mundo. Linguistas reconhecidos dizem que Abraão disse a Abimeleque (Gênesis 20:13) a respeito de Sara: *“Pois Deus a levou a andar errante comigo”*, e não simplesmente *“quando Deus me fez andar errante ...”*. A diferença de sentido é a seguinte: naquele tempo não se esperava que uma mulher seguisse o marido em suas andanças, pelo contrário. Deus desejava que Sara e Abraão saíssem ambos de um ambiente idólatra; por isso ele dá a Sara uma revelação de sua vontade, para que ela não siga o costume habitual e fique com seus parentes.

“A civilização baseada nessa lei de Deus para o casamento não tornava a mulher superior ao seu marido, mas impedia que ela se tornasse sua subordinada.”

Lição 8 – A DIGNIDADE DA MULHER NOS TEMPOS PRIMITIVOS

57 O professor de Cambridge Robertson Smith escreve: *“Segundo o Gênesis, o casamento implica que um homem deixe seu pai e sua mãe e se volte para sua mulher, e eles serão uma só carne. Isso está em plena harmonia com o que encontramos em outras partes da história patriarcal. O Sr. McLennan citou os casamentos de Jacó, nos quais Labão tinha claramente a lei do seu lado ao dizer que Jacó não tinha o direito de levar embora suas mulheres e os filhos delas; e também o fato de que, quando Abraão procurava ‘uma mulher para Isaque’, seu servo pensou que a condição provavelmente seria que Isaque viesse estabelecer-se junto ao povo dela”. [Nesse caso Abraão não podia concordar, porque Deus o havia chamado expressamente para longe da idolatria deles]. “Os filhos de José com sua mulher egípcia só se tornaram israelitas por adoção; do mesmo modo, a mulher filisteia de Sansão permanece com seu povo, e ele a visita ali. Todas essas coisas ilustram o que em Gênesis 2:24 é apresentado como o tipo original do casamento.”* E poderíamos perguntar: o que significa essa formulação primitiva – *“se unirá à sua mulher; e eles se tornarão uma só carne”* –, senão que ele passará a pertencer à mesma linhagem de sua mulher? O mesmo autor escreve: *“A linhagem materna é o tipo primordial de descendência, a maternidade comum o tipo primordial da unidade de parentesco, que domina toda a*

terminologia semítica.” J. P. Peters, D.D., escreve sobre a mesma passagem do Gênesis: “Na maneira como a relação do homem com a mulher é apresentada aqui, temos evidentemente mais uma dessas provas incidentais da grande antiguidade desta história. Não é a mulher que deixa pai e mãe e se une ao homem, mas o homem que deixa pai e mãe e se une à sua mulher. Parece que temos aqui um resquício do antigo matriarcado, aquela relação matrimonial da qual temos um exemplo na história de Sansão, em que a mulher permanece com sua tribo, seu clã ou sua família e é visitada pelo homem. A descendência, num caso assim, pertence à família da mulher, não à do homem” (*Early Hebrew Story*, p. 223).

58 O grande arqueólogo Prof. Flinders Petrie também escreveu coisas interessantes sobre esse tema, e reproduzo uma citação mais longa dele para mostrar que não estou exagerando neste assunto. Ele escreve: “Acostumamo-nos tanto à ideia de que as mulheres no Oriente sempre foram dependentes – como o são agora sob o maometismo – que precisamos abrir os olhos para um sistema totalmente diferente, que nos é mostrado na história primitiva da era patriarcal. De modo geral, pode-se dizer que o nosso sistema atual é, de um lado, a completa mistura de homens e mulheres na sociedade, enquanto, de outro lado, os homens conservam todos os direitos e a propriedade. O ideal primitivo no Oriente previa mundos separados para homens e mulheres, ao passo que as mulheres conservavam seus próprios direitos e todos os seus bens.”

“A linhagem materna é o tipo primordial de descendência, a maternidade comum o tipo primordial da unidade de parentesco.”

59 O Prof. Petrie continua: “A primeira mulher [além de Eva] que aparece no AT¹ como personalidade é Sara, a “chefe do clã”, como o próprio nome dela diz. Sar é a designação antiga habitual, ainda em uso no Oriente Próximo, para um chefe. ... Sua posição autônoma fica evidente no fato de que ela viveu, de modo bastante independente de Abraão, no palácio do faraó ou na corte de Abimeleque. Nenhuma tentativa de autores posteriores de explicar isso de outra maneira consegue dar conta dessa independência, que nos últimos anos foi simplesmente ignorada.

“Sara tinha sua residência independente em Manre e morava ali, enquanto Abraão vivia em Berseba; e diz-se que ele veio para pranteá-la e sepultá-la. Sua condição durante as viagens e mais tarde na vida não era, portanto, de modo algum a de uma dependência reclusa, mas a de uma chefe de clã independente ou de uma “mãe da tribo”.

60 “Como Sara não tinha filha, era necessário trazer alguém da família para presidir o clã, e Rebeca foi trazida da antiga pátria. A tenda oficial de Sara foi transferida por Isaque, a três ou quatro dias de viagem de Manre, para Beer-Laai-Roi, e assim que Rebeca chegou foi instalada na tenda. Depois disso Isaque casou-se com ela; e ela parece ter sido tão independente quanto Sara. Como Rebeca não tinha filha para sucedê-la, Jacó teve de se casar com Lia, a mais velha na sucessão, e não podia ter Raquel antes que a posição de Lia estivesse assim assegurada.

61 “Antes da partida para o Egito, menciona-se apenas uma filha entre onze filhos, a saber, Diná, a ‘juíza’ [como é o significado do nome], a filha da chefe de clã Lia. Seus irmãos ficaram irados com o casamento dela com um heveu², porque com isso ela submeteria seu ofício de juíza a outro povo; e somente a incorporação dos heveus ao povo israelita pela circuncisão podia resolver a situação (Gênesis 34:1-24). Mais tarde ainda podemos acompanhar essa linhagem no nome da única mulher da geração seguinte cujo nome é citado: Sera (Gênesis 46:17), uma forma de Sara, a “líder da tribo”. Como Diná aparentemente não teve filhos, era natural tomar uma descendente de Zilpa, a serva de

Lia. Assim Aser, com quem Lia se alegrou de modo especial, forneceu a chefe de clã seguinte em sua filha Sera.”

62 Algo dessa dignidade primitiva da mulher pode ser acompanhado ao longo de toda a história bíblica, especialmente na “rainha-mãe”, que exerce poder ao lado do rei, da qual ainda se fala por volta de 600 a.C., no tempo de Jeremias, em Jeremias 13:18 (aqui a palavra é muitas vezes traduzida erroneamente por “rainha”).

Antes do hebraico existiam as línguas acádia e suméria; e o Prof. Sayce conta que os tradutores de antigos hinos sumérios para o semítico mudaram “feminino e masculino” para “masculino e feminino” e introduziram outras mudanças desse tipo para conferir supremacia aos homens. Suméria, Acádia, Babilônia, Arábia, Fenícia e Egito – todas essas civilizações antiquíssimas eram marcadas por traços de matriarcado. Sir Wm. Ramsay diz o mesmo a respeito da Ásia Menor. A linhagem feminina também pode ser comprovada na Grécia primitiva – a mulher espartana foi a última a perder sua dignidade. Ainda por volta de 450 a.C., Heródoto escrevia sobre os lícios: “Se alguém perguntar a seu vizinho quem ele é, ele dirá que nasceu de tal e tal mãe e enumerará os antepassados de sua mãe.” Antigamente se supunha que isso se devesse ao fato de o pai ter mais de uma mulher; hoje, porém, se enfatiza que essa não é a explicação correta. A própria palavra grega para “irmão” (*adelphos*) descreve um parentesco pela mãe, não pelo pai.

63 Afastamo-nos tanto da lei de Deus que hoje, pela lei britânica, a mãe não é um dos pais. Durante o reinado de Eduardo VI, os tribunais civis e eclesiásticos declararam conjuntamente que a duquesa de Suffolk não era parente do filho que ela dera à luz. A Igreja Anglicana é estritamente contra o divórcio. Mas, se lermos em Mateus 19 a determinação do Senhor Jesus sobre o divórcio, descobriremos que a conclusão “*Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem*” repousa sobre a premissa: “*Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne*”. A igreja jamais fará valer de modo eficaz a conclusão dessa determinação [a proibição do divórcio, N. do T.] enquanto passar por cima das premissas sobre as quais ela repousa.

64 Nossas gramáticas e léxicos hebraicos observam que quase todos os termos coletivos que se referem a povos e os nomes de cidades e comunidades são *femininos*. Como isso aconteceu, sobretudo porque é simplesmente impensável que homens, no tempo de Cristo, cunhassem uma palavra do gênero feminino para descrever uma multidão como aquela que Cristo alimentou? Segundo o relato do evangelho, ele alimentou “*quatro mil homens, além de mulheres e crianças*”. E em outra ocasião alimentou “*cinco mil homens, além de mulheres e crianças*”. Do mesmo modo, Pedro, Estêvão e Paulo, em Atos, dirigem-se a multidões em diversas ocasiões como “*varões, irmãos*” e nem sequer mencionam as mulheres. Quando o homem ocupa quase exclusivamente o primeiro lugar, numa multidão só se menciona o seu sexo. Pode-se compreender bem, no entanto, que em tempos em que a linha de sangue é contada pelas mulheres, ao se mencionar uma nação ou uma comunidade de um só sangue, as nações, cidades, comunidades e multidões recebessem designações femininas. Esses termos coletivos para cidades, aldeias etc. eram femininos porque tais lugares consistiam em *grupos de casas que pertenciam a mulheres* e das quais essas mulheres raramente se mudavam. A palavra para cidades em Números 21:25, Josué 15:45 etc. é “filhas”. Pela mesma razão, em Isaías 12:6, em lugar de “habitantes de Sião” o texto original traz “*moradora de Sião*”, e casos semelhantes são muito frequentes no AT.

Lição 9 – A ESCOLHA DE EVA E A ESCOLHA DE ADÃO

65 Numa série de palestras proveitosas sobre “Crítica bíblica espiritual”, o Dr. A. T. Pierson disse: “No âmbito intelectual, o homem crê em algo porque é verdadeiro; no âmbito espiritual, o homem sabe que algo é verdadeiro porque crê nele.” Se vocês têm o Espírito consigo para convencê-los da verdade, e se creem no que é dito hoje em nossa lição, então *aceitem a verdade*, vivam de acordo com ela e ensinem-na a outros, ainda que ela possa inverter completamente instruções anteriores que vocês receberam e preconceitos que talvez tenham assimilado.

66 No contexto destas lições, rejeitemos de uma vez por todas, como questão indigna, todo desejo de querer saber “quem será o maior no reino dos céus, o homem ou a mulher”. Mas, como mulheres, estamos interessadas no destino da mulher, e devemos estar. Esse destino foi fixado no jardim do Éden. Qual é ele?

67 Leia, por favor, Gênesis 2:17-18. Pouco antes da separação dos sexos, quando Adão havia alcançado a maioria da responsabilidade e devia prestar contas de sua conduta, Deus o proibiu de comer da “*árvore do conhecimento do bem e do mal*”. Eva ainda não tinha sido “formada”, como mostra o versículo 18; a ordem foi dada na segunda pessoa do singular. O que exatamente era essa “árvore” não nos é dito. É lícito pensar que a expressão “bem e mal” seja praticamente equivalente a “dor e prazer”, tal como aparece em passagens bíblicas como 2 Samuel 19:35, Jó 2:10, Isaías 7:15-16, Jeremias 42:6 etc. O resultado da desobediência de Adão a tal lei seria, de um lado, a descoberta de uma nítida diferença entre “dor” e “prazer” e, de outro, uma forte tentação de buscar dali em diante o prazer e evitar toda “dor”, mesmo a salutar. Talvez Deus quisesse dirigir a atenção de Adão para motivos e princípios de conduta mais elevados do que apenas “dor e prazer”. Essa proibição, se a interpretarmos assim, tinha um significado especial, pois precedeu imediatamente o acontecimento em que Deus deu a Adão uma mulher por companheira. Acima de tudo, deve ser reprovada a fuga das dores da responsabilidade na relação entre os sexos. Ela significa a decadência do indivíduo e, por fim, a decadência da raça humana; e inevitavelmente acarreta sofrimento e sobrecarga excessiva para o sexo materno.

68 Eva só foi “formada” quando essa proibição já tinha sido pronunciada, e não somos informados se ela a ouviu depois do Todo-Poderoso ou se soube dela apenas por meio de Adão. Segundo o testemunho bíblico, ela provavelmente só tinha ouvido falar dela por Adão quando Satanás a seduziu a desrespeitar o mandamento; pois, ao repetir a instrução, ela enfeitou a linguagem, tornou o teor da lei mais forte num ponto e mais fraco noutro – e essas são marcas de uma história contada de segunda mão, não de um relato de primeira fonte. Por fim, os dois comeram da árvore, e Deus veio na viração do dia para pedir-lhes contas. Ele perguntou a Adão: “*Comeste, porventura, da árvore?*”, e a resposta foi: “*A mulher que TU me deste por companheira, ELA me deu da árvore, e eu comi.*” Então Deus perguntou à mulher, e ela respondeu: “*A SERPENTE me enganou, e eu comi.*” Observe, por favor, as palavras que escrevi em maiúsculas.

69 A meu ver, é justificado contrapor essas duas respostas, pois nelas encontramos uma indicação do que vem a seguir. Ambos confessam: “*Eu comi*”, e ambos nomeiam com veracidade a influência *imediate* que os levou a comer. Até aí estão empatados. Mas Adão se sente impelido a dizer mais. Houve uma causa primeira para a sua queda por meio de Eva: Satanás. No entanto, Adão não menciona Satanás, como Eva o faz; e, contudo, não se cala sobre uma causa primeira; ele acusa Deus diretamente, face a face, de ser ele mesmo essa causa primeira – por lhe ter dado a mulher por

companheira. E o pior é que Satanás estava presente na conversa ou por perto, e não podia ser ignorado, a não ser propositalmente, se era absolutamente necessário mencionar uma causa primeira. Satanás deve ter-se alegrado tanto com a atitude de Adão para com Deus, e com o fato de ele implicitamente acusar Deus de insensatez, quanto com a postura de Adão para com ele próprio, o tentador, por tê-lo protegido de acusações. Não é a esse acontecimento, a essa conduta de Adão, que Jó se refere (Jó 31:33) quando se lamenta: *“Se, como Adão, encobri as minhas transgressões, ocultando o meu delito no meu seio ...”*? O Dr. Lange diz (veja o § 36): *“Adão tinha de guardar e proteger [o jardim] de um poder do mal já existente.”* Não será talvez essa a razão pela qual Adão não menciona Satanás, que conseguira entrar?

“Adão acusou Deus diretamente, face a face, de ser ele mesmo a causa primeira da Queda – por lhe ter dado a mulher por companheira.”

70 Destino é uma palavra terrível. A sorte de uma pessoa pode ser fixada para a vida inteira pela decisão de um instante, e essa decisão pode – a menos que se peça a intervenção divina – tornar-se, nas gerações seguintes, a inclinação natural de seus descendentes. Na Escritura, essa é a lição dos israelitas e dos edomitas. A vida de Esaú parecia mais respeitável do que a de Jacó, até certo ponto da história de Jacó. Mas, quando Esaú estava na bifurcação de dois caminhos, escolheu o refrigério físico ao preço de seu direito de primogenitura (Gênesis 25:29-34). Muito mais tarde, Jacó chegou a uma encruzilhada de dois caminhos e, mesmo correndo o risco de ser surpreendido, sozinho e despreparado, por um ataque assassino de seu irmão, lutou a noite inteira pela bênção divina (Gênesis 32:24-32) e a obteve. Deus viu, já antes do nascimento desses dois, o tipo de decisões que cada um tomaria, e fez sua “escolha” segundo essa presciência. Deus está agora – desta vez com base nas decisões de Adão e Eva – a ponto de fazer uma “escolha”, exatamente como naquela vez, mais tarde na história, quando elegeu Jacó como patriarca do Messias vindouro.

71 Adão fez uma escolha má. Colocou-se do lado da serpente e tornou-se um caluniador de Deus. Mas Eva desmascarou o caráter de Satanás na presença dele e, assim, criou inimizade entre si mesma e ele. O que se seguiu foi o resultado natural da escolha melhor de Eva. Deus decidiu afastar a mulher ainda mais de Satanás. Ele disse a Satanás: *“Porei inimizade entre ti e a mulher”* (3:15). Com isso, na prática, disse: *“Ela decidiu fazer a ruptura; eu ampliarei essa ruptura.”*

Muito já se disse sobre a gloriosa promessa que agora se segue, mas detenhamo-nos e consideremos que vários intérpretes não encontram nela mais significado do que o de que sempre haverá uma inimizade natural entre o ser humano e o animal inferior, a serpente!

72 Não podemos esquecer que Deus, nesse momento, pôs inimizade entre Satanás e a mulher. Isso explica em grande parte toda uma série de males profetizada no versículo seguinte (3:16), que, no entanto, segundo a visão tradicional, é consequência de Eva ter introduzido o pecado no mundo ao comer o fruto proibido e dá-lo também ao seu marido. A inimizade de Satanás é a causa do sofrimento da mulher. Mais luz sobre este ponto virá em lições posteriores.

73 *“Entre a tua semente e a semente dela”*, acrescenta Deus a essas palavras dirigidas a Satanás a respeito da mulher. Apesar da ênfase hoje habitual na “paternidade universal de Deus” e na “fraternidade universal dos homens”, que em parte é verdadeira, nós, que respeitamos a Escritura como autoridade, não podemos esquecer que também Satanás, tal como Deus, tem seus filhos – infratores morais e espirituais – entre os homens. *“A boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno.”* Em João 6:70 se diz: *“Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é*

diabo.” Quando os judeus declararam: “Temos um pai, que é Deus”, Jesus respondeu: “Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente me havíeis de amar. ... Vós sois do pai, o diabo” (João 8:41-44). Até o apóstolo do amor, João, não diz que todos os homens são filhos de Deus, mas adverte: “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, ... Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo” (1 João 3:7-8,10). Deus não recebe nem reconhece como seus filhos os filhos “bastardos” não regenerados (Hebreus 12:8) de uma igreja decaída.

74 *“Ele [a semente da mulher] te esmagará a cabeça, e tu lhe esmagarás o calcanhar.” Em traduções mais antigas aparece a forma de dever (no alemão soll), mas, por clareza, nos dois lugares é preciso dizer “esmagará”. São formas do futuro, não imperativos. Deus não ordena a Satanás que esmague o calcanhar do descendente da mulher; ele apenas profetiza que essas coisas acontecerão. A profecia refere-se especialmente ao grande inimigo de Satanás, Jesus Cristo, nascido da virgem Maria; mas refere-se também a todos os crentes, pois o apóstolo Paulo diz (Romanos 16:20): “E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás”. Continuaremos este tema em nossa próxima lição.*

Lição 11 – EVA E OS SEUS DIFAMADORES

82 Se a extensão deste livro o permitisse, eu poderia acrescentar ao comentário do cônego Payne-Smith contribuições interessantes de outros comentaristas que tratam da crença de Eva de que Caim era Aquele que havia de vir, o Messias. Especialmente valiosos são os comentários do Dr. Peter Lange, da Universidade de Bonn, e de seu editor e tradutor, o Dr. Tayler Lewis. Este último escreve: “O erro de Eva ao aplicar a expressão a alguém que era antes o tipo do Anticristo do que do Redentor não deveria chocar-nos, a nós, a quem o Deus da aliança é revelado como um ser tão transcendentemente diferente, a ponto de influenciar a interpretação do texto. A limitação do conhecimento de Eva e talvez sua falta de uma distinção adequada entre o divino e o humano põem sob uma luz ainda mais forte a intensidade de sua esperança e a veracidade subjetiva de sua linguagem. Se suas palavras transmitidas não contivessem naquela época nenhuma alusão à semente prometida da mulher, os racionalistas sem dúvida teriam apresentado isso como prova de que ela não podia saber nada de tal profecia e de que, portanto, Gênesis 3:15 e Gênesis 4:1 deveriam ter sido escritos por autores diferentes, que nada sabiam um do outro ou se contradiziam.”

83 Não só Adão, mas antes de tudo a própria Palavra de Deus diz que Eva era “a mãe de todos os viventes”. Delitzsch observa a esse respeito: “A promessa fala realmente de uma semente da mulher. Diante da morte que o ameaça, a mulher significa para Adão a garantia de ambas as coisas, tanto da continuidade quanto da vitória da raça humana.” Sobre o aspecto de que todos os crentes são “a semente da mulher”, o Dr. Monroe Gibson comenta com a pergunta: “Quem é a semente dela?”, e responde: “Muitos leitores superficiais pensam que a semente dela é a humanidade inteira. Em certo sentido, naturalmente, a humanidade inteira é ‘a semente da mulher’; mas, se ela abrange a humanidade toda, o que significa então a semente da serpente? Não é absolutamente evidente que ‘a semente da mulher’ não pode significar a humanidade inteira, mas simplesmente aqueles que, não só literal mas espiritualmente, são a ‘semente da mulher’, aqueles que estão do lado do bem, do lado de Deus e da justiça? Os que têm o espírito oposto são a semente da serpente, os ‘filhos do diabo’. Do mesmo modo, quando lemos: ‘Adão deu à sua mulher o nome de Eva, por ser ela a mãe de todos os viventes’ [3:20], a maioria dos leitores o entende no sentido de que ela era a mãe de todos os seres humanos. Mas por que ele lhe daria um nome que afirma algo tão óbvio? Por outro lado, se se

entendem os ‘vivos’, no sentido espiritual e também literal, como aqueles que estão ‘vivos para Deus’, que terão a ‘vida’ que Deus dá por meio de seu Filho, como então todas as alusões se encaixam lindamente! ‘A semente da mulher’, ‘a mãe dos vivos’, ‘as gerações de Adão’. A rigor, não existe no hebraico um tempo presente, apenas o passado e o futuro. Quando, portanto, se emprega o futuro, ele pode designar o presente que se prolonga no futuro. Assim, aqui não se diz apenas ‘porei inimizade’, mas também: ponho inimizade entre ti e a mulher. A obra começou ... Ela é o tipo primordial e a representante de todos os indivíduos que formam a igreja de Deus.” (*The Ages before Moses*, p. 122).

84 Comparemos agora quatro passagens bíblicas, entre muitas que eu poderia ter escolhido. Deus diz a Abraão (Gênesis 22:16-18): *“Jurei, por mim mesmo ... na tua semente serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz”*. A Isaque ele diz: *“Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra; porque Abraão obedeceu à minha voz e guardou os meus mandados”* (Gênesis 26:4-5). A Jacó ele disse o mesmo (Gênesis 28:14). A Davi ele diz: *“Então, suscitarei depois de ti o teu descendente ... e eu estabelecerei o seu trono para sempre”* (1 Crônicas 17:11-12). Depois, Gálatas 3:29: *“E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.”* Foi uma honra especial para Abraão, Isaque, Jacó e Davi ser mencionados como partes dessa corrente de bênção que haveria de descer sobre a humanidade? Então é bom lembrarmos que a fonte dessa bênção (do lado humano) é Eva, a respeito de quem Deus disse a Satanás: *“Porei inimizade entre ti e a mulher; ... a semente dela ... te esmagará a cabeça”*. A promessa honra Eva tanto quanto Abraão, Isaque e Jacó, e a honra não lhe poderia ter sido concedida por outra razão senão aquelas, isto é, por causa da excelência encontrada nela.

85 Em nossa próxima lição mostrarei que o NT ensina que foi Adão, e não Eva, quem trouxe ao mundo o pecado, e pelo pecado a morte. Mas como se explica então essa difamação do caráter de Eva? Onde está sua origem? Penso que a resposta a essas perguntas é bastante simples. Historicamente, a mais antiga acusação definida contra a mulher como fonte de todo mal é o mito grego pagão de Pandora. Segundo Hesíodo, que viveu por volta de 800 a.C., Júpiter ficou furioso porque Prometeu (seu nome significa “previdência”) tinha roubado o fogo do céu e, por vingança, ordenou a Hefesto que fizesse uma bela mulher. Minerva a adornou com todos os dons, e ela foi chamada Pandora (que significa “dotada de tudo”); Mercúrio, porém, deu-lhe um espírito enganoso. Ela foi levada a Epimeteu (“Pensamento posterior”), que a recebeu, contra as advertências, na ausência de Prometeu. Ao ser acolhida entre os homens, Pandora abriu um jarro e deixou escapar todos os males da humanidade, com exceção da esperança enganosa. Há muitas variações desse mito, mas todas ensinam uma só visão: a mulher é a fonte dos males humanos.

86 A época intertestamentária, o tempo entre o AT e o NT, foi na história judaica um “tempo de mistura”, porque os judeus se esforçavam por harmonizar os ensinamentos do AT e os costumes dos judeus com o paganismo grego. O arcediogo Farrar³ relata que “a Palestina naquele tempo estava cercada por um cinturão de cidades gregas, nas quais muitos judeus se misturavam livremente com a população pagã. Na própria Jerusalém cresce um partido rico e poderoso, em estreita ligação com os reis gregos da Síria e do Egito. Fascinados pelos encantos da vida e da literatura gregas, queriam adotar ideais helenísticos e apagar as marcas distintivas mais essenciais da vida e da fé judaicas. Essa época meio incrédula foi descrita como ‘os dias da mistura’.”

87 Não é, portanto, nada de extraordinário que nesse tempo se tentasse conciliar a lenda de Pandora com o relato de Eva no Gênesis; e a mais antiga referência conservada a Eva como fonte do mal

encontra-se no livro dos apócrifos conhecido como *Eclesiástico ou Jesus Siraque*. Esse livro, uma fabricação palestina de data incerta, foi escrito originalmente em hebraico, provavelmente por volta de 250 a.C., mas cedo foi traduzido para o grego no Egito, e contém as seguintes palavras: “Da mulher vem o início do pecado, e por causa dela todos morremos.” (25:24). Tennant relata que “Jesus Siraque foi o precursor da doutrina talmúdica da Queda”.⁴ Vou mostrar daqui a pouco, em excertos, o que essa doutrina talmúdica diz sobre Eva, – por isso, por favor, não esqueçam este ponto.

“A mais antiga referência conservada a Eva como fonte do mal encontra-se no livro dos apócrifos conhecido como Eclesiástico ou Jesus Siraque.”

Autores judeus posteriores tratam com mais detalhe da culpa de Eva. Especialmente em Alexandria se empreendeu a tentativa de harmonizar a Sagrada Escritura com as doutrinas pagãs gregas. Para prejuízo da teologia cristã, depois de concluída a versão grega do AT em Alexandria (iniciada em 285 a.C.), esses escritos judaicos não inspirados, chamados “*Os Apócrifos*” – todos escritos em grego, não em hebraico –, foram incluídos nessa versão, que era usada pela igreja com exclusão das Escrituras hebraicas. Muitos dos pais da igreja citavam os apócrifos como autoritativos; e todos foram influenciados por seus ensinamentos. E assim acontece facilmente que o caráter da mitológica Pandora seja atribuído a Eva. Nenhuma declaração sobre o caráter de Eva pode ser rastreada mais longe do que os “dias da mistura”.

88 Ireneu, bispo de Lyon no ano 177 d.C., diz de Eva, em harmonia com o ensino de Ben Siraque e de outros judeus: “Tendo se tornado desobediente, ela foi feita causa da morte, tanto para si mesma como para toda a humanidade.” Mas alguns anos depois, Tertuliano de Cartago é especialmente severo; ele faz recair o pecado de Eva sobre todas as mulheres cristãs, com as seguintes palavras: “E não querias saber que és uma Eva? A sentença de castigo de Deus sobre o teu sexo continua viva neste mundo; então também a tua culpa tem de continuar viva. ÉS TU QUE DESTE ENTRADA AO DIABO, tu rompestes o selo daquela árvore, tu foste a primeira a abandonar a lei divina, és tu também quem seduziu aquele de quem o diabo não conseguia se aproximar. Com tanta facilidade lançaste por terra o homem, a imagem de Deus. Por causa da tua culpa, isto é, por causa da morte, também o Filho de Deus teve de morrer.” Mas teria a humanidade, sem a mulher, jamais visto o Filho de Deus vir ao mundo para morrer ou para pregar aos homens?

89 Muitas das opiniões teológicas do nosso tempo dão testemunho da mão modeladora de Tertuliano, pois, para usar a breve afirmação do *Lippincott’s Biographical Dictionary*: “Ele ganhou grande influência entre os cristãos de seu tempo”. Não poucas de suas obras literárias foram conservadas até hoje. Quando se começa com uma visão assim da mulher (excluída, por uma ‘culpa’ permanente, da participação nos méritos do sacrifício expiatório de Cristo), não admira que a próxima passagem da Escritura que vamos considerar (Gênesis 3:16) tenha sido interpretada, em harmonia com o ensino do Talmude e de Tertuliano, como a maldição eterna de Deus sobre todo o sexo feminino.

Lição 46 – DESCULPAS DESNECESSÁRIAS PARA A LÓGICA PAULINA

346 Que alternativa temos agora a esta concepção de que Paulo dá conselhos adequados a uma grande emergência – e de que ele *não* defende o silêncio e a submissão permanentes da mulher? Segundo os comentaristas, ela se resume em afirmar que o apóstolo que, de um lado, dedicou tanto tempo a combater as “fábulas judaicas” dos judaizantes, de outro lado foi ele mesmo profundamente marcado por essa mesma escola, – pois a conclusão é inevitável de que Paulo argumenta aqui

largamente com uma sofística judaica sem seriedade, a não ser que concluamos que *outros* impregnaram o ensino de Paulo com uma sofística interesseira. Calvino, por exemplo, escreve sobre o argumento “Adão foi formado primeiro”: “Mas a razão que Paulo dá para isso, a saber, que a mulher ocupava o segundo lugar na ordem da criação, não parece ser um argumento muito forte para a sua submissão, pois João Batista veio antes de Cristo na ordem do tempo e, no entanto, era muito inferior em posição”, – e Calvino poderia ter acrescentado: “Todo homem tem uma mãe que foi feita antes dele e, no entanto, ela é considerada inferior.” Ou, se Paulo se referia ao ato original da criação: “As vacas foram feitas antes dos homens – até antes dos teólogos, – os homens têm de ser subordinados às vacas.” De minha parte, estou mais disposta a admitir que o comentarista fez uso de uma sofística indigna do que a crer que Paulo o tenha feito.

347 Se seguirmos a opinião de que Paulo impõe ensinamentos rabínicos, então, como escreve Kalisch, “o Novo Testamento ... é ainda mais severo que o Antigo; pois, enquanto ordena à mulher que aprenda em silêncio, com toda a submissão, mas que não ensine nem pretenda exercer domínio sobre o homem, e sim que fique em silêncio”, no Antigo Testamento ela era admitida ao mais alto ofício de ensino, o dos profetas, como Miriã, Débora e Hulda.” Eu preferiria crer, no entanto, que o comentarista se engana, a crer que o termo “Evangelho” – “Boa Notícia” – anuncie às mulheres opressão de um modo que não lhes foi imposto segundo a lei do Antigo Testamento.

348 Às vezes o comentarista, satisfeito com as *instruções* de Paulo, mas incomodado com seu *modo de argumentar*, tenta desculpar Paulo. O Prof. Reynolds diz sobre o versículo 13: “Este argumento pode soar forçado aos nossos ouvidos quando usado para reprovar a pretensão feminina de superioridade intelectual. Naquela época, porém, era um método corrente procurar e encontrar na Escritura a expressão concreta de quase todas as opiniões filosóficas.” Isso soa muito sábio. Mas estou acostumada a crer que o Espírito Santo deu origem aos escritos paulinos; e não creio que o Espírito precisasse estudar disparates rabínicos para fundamentar uma razão para o silêncio e a submissão das mulheres. A falta de razões sensatas deve ter sido verdadeiramente fatal antes que Paulo pudesse se contentar com argumentos como os que aqui lhe são atribuídos!

349 O apóstolo que, com lógica vigorosa, redigiu a Epístola aos Romanos e que escreveu os argumentos claros da Epístola aos Hebreus, ou foi o mestre de quem os escreveu, não precisava recorrer a algo que ele mesmo, cheio de desprezo, chamava de “fábulas judaicas” – e das quais advertiu Timóteo a se afastar – para encontrar um pretexto para fazer as mulheres se calarem. Se ele quisesse fazê-las calar, teria tido uma razão *honestas* para isso e teria podido encontrar uma linguagem adequada para expor essa razão. Uma pesada responsabilidade pesa sobre aqueles que expõem Paulo ao escárnio e a Bíblia à desconfiança quanto ao seu valor, ao tentar sustentar sofismas por meio de desculpas esfarrapadas em favor de Paulo. Eu não admitiria por um instante sequer que o apóstolo, ou mesmo a Bíblia em geral, precisem de desculpa. Assim que os comentaristas estiverem dispostos a abandonar a tentativa de provar conclusões egoístas e preconcebidas, as palavras de Paulo se tornarão perfeitamente claras e coerentes no sentido cristão. Mostrei que Paulo não argumentava em favor da submissão da mulher ao homem; nem de que Eva fosse mais culpada que Adão. Ele recomendava apenas uma “quietude” temporária das mulheres na igreja, uma vez que havia um perigo especial para a igreja e para a mulher em circunstâncias adversas. As perseguições de Nero estavam em curso, e a virtude das mulheres cristãs estava ameaçada.

“Se Paulo quisesse fazer as mulheres se calarem, teria apresentado uma razão honesta para isso e teria encontrado uma linguagem adequada para expor essa razão.”

350 Ainda assim, o Prof. Ramsay continua insistindo na conclusão de que Paulo quis silenciar e submeter todas as mulheres para todos os tempos, e chama (em *The Expositor*, 1909) a linguagem de Paulo nesta passagem de

“... um exemplo curioso de como os judeus costumavam derivar argumentos da Escritura, torcendo e torturando suas palavras para sustentar as opiniões que defendiam. Mesmo onde Paulo expressa uma verdade que ele vê claramente com intuição direta e infalível, às vezes recorre a argumentos do Antigo Testamento que nos parecem muito rebuscados e bastante sem valor como argumentação. O pensamento judaico argumentava de modo totalmente diferente do nosso; e por sua linha de argumentação muitas vezes nos causa estranheza. Mas não devemos confundir a verdade da opinião com a validade da argumentação, nem concluir que, por ser o argumento tão pouco convincente, a opinião seja por isso falsa. Por conseguinte, podemos pôr de lado o argumento tirado da conduta de Adão e Eva como não atraente para o nosso pensamento e mal compreensível para nós. E, na medida em que é compreensível, ele não pode, no juízo dos leitores modernos, fortalecer a causa de Paulo. Mas a causa dele é totalmente independente da argumentação.”

351 Fico muito contente que, “no juízo dos leitores modernos”, a causa da submissão e do silêncio das mulheres não tenha sido fortalecida pela argumentação *atribuída* a Paulo, pois agora tenho esperança de que o comentarista logo reconhecerá que uma argumentação tão fraca não vem absolutamente de Paulo, mas é obra de falsificadores das palavras paulinas. Não foi Paulo quem torceu a Escritura; foram homens que torceram os argumentos de Paulo, tirando-os da harmonia com a Escritura. Mas há esperança, uma vez que os intérpretes comecem a reconhecer a distorção na linguagem. O Prof. Ramsay parte do princípio de que a argumentação de Paulo é ruim, mas que sua conclusão a partir da argumentação ruim é verdadeira. Mas uma árvore má não pode dar bons frutos. Uma vez reconhecido que o domínio do homem sobre a mulher equivale a uma propriedade adquirida com um título de posse defeituoso, os homens não conseguirão lutar contra sua consciência culpada; e a mulher tem Deus do seu lado. Daí concluímos: das duas possibilidades – ou (1) concordar que Paulo argumentava em favor de algo totalmente diferente, ou (2) afirmar que Paulo argumentava desonestamente, torcendo a Escritura (em favor do silêncio e da submissão da mulher) –, é muito mais respeitoso para com Paulo e mais reverente para com Deus e Sua Palavra rejeitar a segunda visão e aceitar a primeira.

352 Mostrei que nas palavras de Paulo a Timóteo sobre as mulheres se pode encontrar um sentido coerente e adequado, em total contraste com a ideia de que ele dá continuidade à sofística rabínica. O Prof. Ramsay, no entanto, para não citar ainda outras opiniões semelhantes, acusa Paulo de um “modo de argumentar rebuscado e estranho” para sustentar a doutrina (tomada do rabinismo) de que a mulher é subordinada ao homem. Ninguém pode negar que se empregou um modo de argumentar rebuscado e estranho para impor tal doutrina com a ajuda desse texto de Timóteo. Isso é evidente. Mas nego que Paulo seja culpado de a Palavra de Deus ter sido falsificada. Vejo a culpa nos “judaizantes” dentro da igreja primitiva; e comentaristas homens, por razões interesseiras (talvez inconscientes), adotaram essa argumentação pronta, rebuscada e estranha dos “judaizantes”, cuja influência nociva sobre a igreja o próprio Paulo combateu diariamente durante todo o seu ministério. Ele advertiu contra eles e profetizou a respeito deles assim: “*Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho*” (Atos 20:29). Denunciou-os, e a seus ensinos, inúmeras vezes em várias de suas cartas; e depois de Paulo, Pedro advertiu os cristãos contra

aqueles que “deturpam” as palavras das cartas de Paulo “para a própria destruição deles” (2 Pedro 3:15-16).

353 Paulo diz de si mesmo em 2 Coríntios 4:1-2: “*Pelo que, tendo este ministério, ... rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus.*” Para aceitar a visão de que Paulo caiu numa “argumentação rebuscada e estranha”, como a que caracterizava os “judaizantes” daqueles dias, temos portanto de crer em muito mais do que apenas que Paulo “torce e tortura a linguagem da Escritura” (para usar as palavras do Prof. Ramsay). Temos de crer que o Espírito Santo, que inspirou os escritos de Paulo, cedeu lugar a um espírito de mentira, e que Paulo, ao redigir essa declaração sobre si mesmo, não foi honesto; tal opinião, porém, eu não tenho de Paulo.

Lição 47 – OBSERVAÇÕES FINAIS SOBRE O MARIDO COMO CABEÇA

354 Se, portanto, o fato de o marido ser cabeça não significa domínio do homem, por que então a esposa é exortada a “submeter-se” ao seu marido, e não o marido à sua esposa? Porque o verdadeiro sentido da palavra “submissão” não se refere à servidão, mas à reconciliação. Onde reina ou se supõe haver injustiça, o método cristão é sempre exortar a parte prejudicada a esforçar-se pela paz, se possível, até que o malfeitor aprenda a agir melhor. Leia 1 Pedro 2:18-23 sobre este ponto: observe a transição para 3:1, especialmente a expressão “igualmente”. A “submissão” exigida refere-se a um marido obstinado e descrente. Assim, o apóstolo Paulo, em Efésios 5, exorta a esposa, que é mais provavelmente quem sofre injustiça, a uma série de deveres resumidos na palavra “submissão”, e o marido a outra série de deveres, porque é ele quem tem mais tendência à opressão. O marido deve mostrar aquele amor que se entrega pelo bem do outro.

355 Mas o comentarista interpreta mal a *intenção* com que Paulo usa a palavra “submissão”. Isso pode ser ilustrado da seguinte maneira: na China, há séculos as mães se sentem obrigadas a enfaixar os pés de suas meninas, para prepará-las para o mercado matrimonial. Esse costume está agora cedendo às influências humanitárias da religião cristã, e as mães, com o apoio dos homens de suas famílias, recusam-se a enfaixar os pés de suas filhas e muitas vezes soltam as faixas de seus próprios pés. Mas ter pés livres é *uma* coisa para a filha cujos pés *nunca* foram enfaixados, e outra bem diferente para a mãe cujos pés estão *enfaixados há anos*. A razão disso é que justamente as ataduras que tanto enfraqueceram e aleijaram os pés se tornaram, com o passar do tempo, um *apoio essencial* para os membros enfraquecidos; assim, a médica missionária, ao soltar os pés da mãe chinesa, tem de retirar as ataduras velhas e *então aplicar ataduras novas*, – desta vez amarrando cada dedo à sua tala individual, – só pelo tempo necessário até que o pé possa ser libertado de todo apoio.

356 Esta última operação é, sem dúvida, um processo de enfaixar, mas acontece com a *intenção oposta* à do enfaixamento original dos pés. Trata-se de restaurar a liberdade perdida, ao passo que o processo antigo roubava a liberdade de forma agressiva e ofensiva. Aliás, é por natureza um processo totalmente inadequado para a menina cujos pés nunca foram enfaixados. Seria justo ou verdadeiro, por causa desse *tratamento temporário* feito pela médica, que visa à liberdade completa, supor que a médica considera vantajoso o enfaixamento dos pés? Mas é exatamente nesse sentido que Paulo foi mal interpretado por aqueles que querem justificar o domínio masculino. Eles ignoram o objetivo declarado de Paulo; calam-se diante de suas claras afirmações em outros lugares sobre “*a gloriosa liberdade dos filhos de Deus*”; desprezam as advertências com que Paulo protege suas palavras e torcem o sentido delas.

357 Afirmações como *“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher”* comunicam, no entendimento deles, pouca autoridade; mas, porque Paulo lembrou duas vezes à mulher que o marido é sua “cabeça” (“apoio”, veja o § 282), esses intérpretes querem impor de novo, de modo permanente, às mulheres os fardos da opressão que Paulo queria tirar de suas costas curvadas. Essa representação falsa da intenção do apóstolo levou muitas pessoas a zombar desrespeitosamente da Bíblia e de Paulo; e a responsabilidade por isso cabe aos falsificadores daquilo que Paulo quis dizer. Paulo não fala como um “velho solteirão”, mas como porta-voz de Deus. Também não trabalha sob o hálito venenoso de uma formação rabínica. Paulo fala sob a influência do Espírito Santo e pode ser facilmente compreendido, com a ajuda do Espírito, por aqueles que querem entendê-lo corretamente. Qualquer outra representação de suas palavras é desrespeitosa.

358 O apóstolo, reconhecendo as dificuldades sob um governo pagão e sob leis civis injustas para com as mulheres, declara agora, em primeiro lugar, que dentro da igreja as ataduras da opressão têm de ser removidas, mas que o laço do casamento deve ser cuidadosamente preservado (*“Digno de honra entre todos seja o matrimônio”*); as esposas têm de ser pacientes; e os maridos, para continuar na imagem, têm de funcionar, por assim dizer, como talas individuais para cada mulher quebrada e despedaçada. A ética revolucionária de um amor cristão logo realizaria todo o resto. Como seu Mestre, Paulo veio para, por meio do seu evangelho, *“apregoar libertação aos cativos”*, – não para anunciar cativo aos cativos. O objetivo de Paulo para as mulheres, assim como para os homens, é *“a gloriosa liberdade dos filhos de Deus”*, e ele o explica repetidas vezes, sob muitos aspectos; e, uma vez alcançado esse objetivo pelas mulheres, o *método* fica superado e sem importância. Em países cristãos, em lares verdadeiramente cristãos, disposições especiais para que a esposa se “submeta” ao marido estão fora de lugar, – o método cumpriu sua obra; a opressão desapareceu; a liberdade está estabelecida.

359 Vejamos agora Efésios 5, versículo 22: *“As mulheres [sejam submissas] a seu próprio marido, como ao Senhor.”* Observe, em primeiro lugar, que as palavras entre colchetes não existem no texto original. Às esposas é imposta a mesma obrigação que no versículo 21 já foi imposta a todos os cristãos, e isso não significa estender os deveres da esposa a uma medida indefinida, mas limitá-los. A forma corresponde a Colossenses 3:18, onde encontramos a mesma lista de deveres: *“... como convém no Senhor”*. Para Paulo, a submissão podia ultrapassar a medida do que “convém”. Pois, quando falsos irmãos vieram a ele e lhe deram mau conselho, ele declarou: *“A esses nem ainda por uma hora nos submetemos.”* Sim, este apóstolo, que ensinou todos os crentes a serem “submissos uns aos outros”, como também o fez Pedro (1 Pedro 5:5), diz até de Pedro: *“resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível”* (Gálatas 2:3-5,11). Uma submissão *incondicional* a outra pessoa nunca foi imposta pela Bíblia nem ao cristão homem nem à cristã mulher.

“Uma submissão incondicional a outra pessoa nunca foi imposta pela Bíblia nem ao cristão homem nem à cristã mulher.”

360 O poeta John Milton defende para as mulheres um ensino totalmente diferente do apóstolo Paulo:

*“To whom thus Eve, with perfect beauty adorn’d:
‘My author and disposer, what thou bidd’st
Unargued I obey: so God ordains;
God is thy law, thou mine; to know no more
Is woman’s happiest knowledge, and her praise.”*
[A quem Eva, adornada de perfeita beleza, assim fala:

*‘Meu autor e senhor, ao que ordenas
Sem discutir eu obedeço: assim Deus o determina;
Deus é tua lei, tu és a minha; não saber mais nada
É o mais feliz conhecimento da mulher e o seu louvor.’]*

Tal ensino coloca o homem no lugar de Deus. É o espírito do anticristo, que *“se assenta no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”* (2 Tessalonicenses 2:4). Ensina também à mulher aquele pecado que, de todos, é o mais abominável para Deus: a idolatria.

361 Se o apóstolo não impõe especificamente “submissão” aos maridos enquanto tais, não é porque não tenha motivo para recomendar-lhes deveres ainda mais importantes. No versículo 23 dessa passagem de Efésios, ele lhe diz que ele, como seu Senhor, deve ser para sua mulher *“o salvador do corpo”*. Quão livre e inocente Paulo deseja que ela seja! O versículo 25 ensina a renúncia completa de si mesmo por amor a ela, segundo o exemplo de Cristo. O versículo 26: *“santificar”* o corpo de sua esposa por meio de sua própria natureza carnal purificada e santificada, *“purificando-a”*, para no fim poder apresentá-la a Cristo *“sem mácula, nem ruga”* (versículo 27), – livre de todo dano moral por causa da conduta dele. O versículo 28 ensina-o a amar sua mulher como ama o próprio corpo, isto é, a alimentá-la e cuidar dela. A conduta contrária – a opressão pela luxúria – significa odiá-la. Versículo 31: ele (não ela) deve deixar todos os outros e unir-se só a ela (veja os §§ 45-64).

362 O único século da mulher na igreja cristã foi a era apostólica e um pouco além. O Prof. Ramsay, em seu valioso livro *The Church in the Roman Empire*, escreve:

“O tipo universal e católico do cristianismo consolidou-se em sua aversão à importância e ao ministério público da mulher. A aversão transformou-se em repulsa, e é provável que a aversão remonte ao primeiro século e que tenha se intensificado até a repulsa antes de meados do segundo século.”

Com o aumento dessa repulsa, podemos estar certos de que todos os esforços imagináveis seriam feitos para encontrar uma justificativa para o silêncio e a submissão das mulheres; e o “judaizante” estava pronto para fornecer o método de levar a Escritura, especialmente as palavras de Paulo, a ensinar tal coisa por meio de contorção e distorção. Temos aqui, em poucas palavras, a história daquela “argumentação rebuscada e estranha” que permite tirar conclusões aparentes dos argumentos apresentados por Paulo; argumentos que, lidos corretamente e interpretados com espírito imparcial, levariam a uma avaliação totalmente diferente do apóstolo Paulo e de seu ensino quanto à “questão da mulher”.

“O único século da mulher na igreja cristã foi a era apostólica e um pouco além.”

Lição 66 – A FUNDAÇÃO DE UMA FAMÍLIA CRISTÃ

519 Segundo a cronologia do Antigo Testamento normalmente usada (a de Usher), Abraão nasceu em 1996 a.C., e Sara era dez anos mais nova (Gênesis 17:17). Esse lar da fé viveu, portanto, mais ou menos tanto tempo antes de Cristo quanto nós vivemos depois de Cristo. A mesma cronologia situa o tempo de Eva, quando foi dada a promessa da semente vitoriosa, no ano 4004 a.C., e coloca assim o tempo de Abraão e Sara aproximadamente a meio caminho entre essa memorável promessa e o nascimento da semente da mulher.

520 Do tempo de Eva até Abraão (chamado de início *Abrão*), Deus aparentemente não havia levado em conta a semente do homem como participante da linhagem dos antepassados do Messias vindouro. Nesse meio-tempo a humanidade, pelo menos naquela parte do mundo, tinha abolido a contagem da descendência pela linhagem feminina; e muito do que caracterizava a dignidade feminina primitiva desapareceu. Por algum método, porém, era preciso registrar o rastro do Messias vindouro – além da afirmação geral de que ele seria a semente da mulher; e agora começa a raiar a luz quanto à nação à qual ele pertencerá quando aparecer. Ao mesmo tempo, era intenção de Deus preparar essa nação para recebê-lo.

521 Abraão e sua mulher Sara foram chamados a sair do meio de seus parentes idólatras (Gênesis 12:1-5; Josué 24:2-3). Chegados a Canaã, Deus começou sua educação religiosa, para elevar suas esperanças a um nível mais alto e ligá-las à sua futura descendência. Faremos bem em estudar atentamente essa preparação de uma família antes pagã como cabeça de todos os lares da verdadeira fé para todos os tempos. Essa família pode muito bem ser chamada a primeira família cristã, pois foi ensinada a crer num Cristo que havia de vir (como Eva o fez), – assim como nós cremos num Cristo que veio e voltará.

522 Muitas vezes vimos como são construídos os edifícios muito altos que são tão numerosos nas grandes cidades da América e que hoje surgem cada vez com mais frequência dos dois lados do oceano. Sua construção é bem diferente da de edifícios menores. Primeiro, remove-se muito mais terra para dar lugar a um alicerce profundo e forte; depois, cada viga e cada caibro é de ferro, bem rebitado, à maneira da construção de pontes. Deus queria fundar e edificar o primeiro lar da fé como modelo para os lares cristãos de todos os tempos. Ele cavou fundo, assentou firmemente suas grandes pedras fundamentais e rebitou bem todas as vigas de seu edifício. Examinemos como ele procedeu.

523 Deus promete a Abraão uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e, ao mesmo tempo, não permite que Sara dê à luz um único filho sequer. Ele precisou de cem anos para preparar Abraão para ser pai, e de noventa anos para tornar Sara apta para a maternidade. *“Os ímpios são como a palha que o vento dispersa”*, diz Deus, e *“O que é nascido da carne é carne.”* Uma família respeitável não se funda sobre mera palha. A Bíblia nos ensina: quando Deus deseja uma descendência numerosa, submete a regulação da geração de descendentes ao seu próprio controle. Tudo depende da qualidade; uma família grande de ismaelitas ou filisteus não é bênção para o mundo; e uma família assim, de qualquer modo, dura pouco; o vício, o crime e a guerra logo a levam à beira da ruína.

524 *“Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos”* (Gênesis 16:1). De um lado havia a promessa de uma *“semente como o pó da terra”* (Gênesis 13:16), tão numerosa; do outro lado havia uma mulher estéril. O que significava isso? Exatamente isto: a qualidade é tudo para Deus, mesmo quando a quantidade é o objetivo desejado. Provavelmente, para Abraão estava em primeiro plano sobretudo o prazer sensual com a beleza de Sara (Gênesis 12:11-14), atrás do qual espreitava o desejo da carne que levava o pagão Abrão a casar-se com sua meia-irmã; depois isso se misturou com um olhar para o futuro, inspirado pela condução e pelas promessas de Deus, e Abraão desejou um herdeiro a quem pudesse deixar a riqueza adquirida e que perpetuasse o seu nome (Gênesis 13:2; 15:3). Então Deus elevou seus anseios para mundos mais belos que Canaã – para *“a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”* (Hebreus 11:10) –, e finalmente, depois que sua carne estava *“amortecida”* para todos os desejos sensuais (Romanos 4:19), nasceu um filho – a partir do santo desejo de abençoar o mundo, em cumprimento da promessa de Deus a respeito de sua semente

(Gênesis 12:3; 22:18). Esse santo desejo correspondia ao desejo de Deus de abençoar o mundo por meio de Abraão e Sara.

“A qualidade é tudo para Deus, mesmo quando a quantidade é o objetivo desejado.”

525 O caso é notável e nos lembra que a Rebeca, quando Isaque se casou com ela, também não foi permitido ter filhos até que o desejo carnal fosse substituído pela aspiração mais elevada. O herdeiro das promessas de Abraão, Isaque, *“orou ao SENHOR por sua mulher, porque ela era estéril; e o SENHOR lhe ouviu as orações”* (Gênesis 25:21), – e assim vieram Esaú e Jacó. A promessa feita a Abraão, de abençoar todas as famílias da terra, foi transferida no caso deles a Jacó; e também a mulher da escolha de Jacó, Raquel, não pôde ter filhos até orar por isso; algo maior que o desejo sensual ou a ambição humana tinha de entrar no nascimento de uma descendência promissora. *“Lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a”* (Gênesis 30:22), e ela deu à luz aquele em cujo caráter não se registra nenhum defeito, José, uma pessoa notável, que salvou toda a sua família da morte pela fome; seus filhos, Efraim e Manassés, foram chefes das duas tribos em torno das quais se agruparam as outras oito que formavam as dez tribos de Israel; de modo que *“Israel”*, diferentemente de *“Judá”*, é muitas vezes chamado *“Efraim”* pelos profetas das épocas posteriores da história do Antigo Testamento (Jeremias 31:18 etc.).

“Algo maior que o desejo sensual ou a ambição humana tinha de entrar no nascimento de uma descendência promissora.”

526 E assim foi de novo quando Deus desejou um libertador para Israel. A mãe de Sansão *“era estéril e não tinha filhos”*, e quando por fim lhe apareceu um anjo e deu instruções a respeito da criança que viria, temos razão para supor que ela e seu marido tinham orado por esse assunto, – especialmente porque sabemos que Manoá, o pai, orou por uma orientação mais concreta quanto à educação da criança esperada (Juízes 13:8). Chegamos então àquele caráter extraordinariamente belo, o fundador das escolas de profetas, Samuel. Ele veio não em resposta ao desejo carnal, mas em resposta às orações fervorosas de Ana (1 Samuel 1:20). Deus a impediu (também neste caso) de ter filhos até que seu desejo fosse santificado. Essa pode ter sido a experiência de muitas outras mães, ainda que não especialmente registrada, que em tempos antigos deram à luz filhos importantes.

527 Chegamos agora ao Novo Testamento, para aprender a mesma lição a partir da experiência de Isabel. Deus estava a ponto de preparar o precursor para a entrada de Cristo no mundo. Escolheu a família de Zacarias e Isabel e excluiu de imediato a possibilidade de terem um filho da carne, para que Isabel pudesse dar à luz um filho nascido de um desejo santo, não erótico. Ele esperou muito – até que todos os desejos carnis tivessem cessado; então o anjo foi enviado para anunciá-lo: *“Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho ... Pois ele será grande diante do Senhor; ... e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno”* (Lucas 1:13-15). Assim nasceram para o mundo pessoas grandes, isto é, pessoas que são grandes diante de Deus, embora o mundo possa desprezá-las, como Herodes desprezou João Batista, primeiro prendendo-o e depois decapitando-o.

“Assim nasceram para o mundo pessoas grandes, isto é, pessoas que são grandes diante de Deus, ainda que o mundo possa desprezá-las.”

Observação adicional

Há uma diferença extremamente notável entre o propósito de Deus ao lidar com esses pais de descendentes santos e os objetivos perseguidos com os dispositivos modernos de “controle da natalidade”. Duas fases do desejo disputam a expressão, e Deus determina que, para uma descendência santa, o desejo carnal desapareça e seja substituído pelo anseio por descendentes, que se expressa espiritualmente na oração e na súplica. Em contraste, os modernos dispositivos feitos pelo homem diminuirão a expressão do anseio por descendentes e darão livre curso ao desejo carnal irresponsável. “De baixo nascimento” seria, de fato, o descendente de tais uniões, se afinal lhe fosse permitido nascer.

Lição 100 – UM DIREITO DE PRIMOGENITURA OU UM PRATO DE LENTILHAS?

829 Aquele falso ensino, derivado das “Dez Maldições de Eva” talmúdicas (veja o § 106), de que Deus castiga as mulheres em determinados tempos de tormento pelo pecado de Eva, é uma superstição má e cruel, que não é apoiada pela Escritura e é indigna do nosso entendimento. Gênesis 3:16 fornece um disfarce para a sensualidade masculina egoísta e hipócrita dentro da relação conjugal, quando o versículo é distorcido e lido erroneamente assim: *“O teu desejo há de ser para o teu marido”* (Lutero, tradução alemã da Bíblia). Esse ensino é, aliás, uma caricatura da justiça divina, pois não são os homens tanto descendentes de Eva quanto as mulheres? Nele, a pena não se orienta pelo pecado, mas pelo sexo; e só o próprio Deus é responsável pelo sexo de cada pessoa.

830 Além disso, o ensino de que a mulher tem de “calar-se” permanentemente na igreja, tem de ser obediente ao marido e nunca pode ter a pretensão de ensinar ou pregar, porque Eva pecou, destrói a doutrina da expiação e rouba de Cristo a honra de que sua morte expiou os pecados de todos, naturalmente também os de Eva. Ele está em total contradição com o espírito do protestantismo. Lutero diz: “É um grande erro esforçarmo-nos nós mesmos para satisfazer a justiça de Deus pelos nossos pecados, pois Deus sempre os perdoa livremente, com uma graça incomensurável.”

831 E, no entanto, por mais espantoso que seja, Lutero, como outros, parece nunca ter compreendido a ideia da “graça livre” para as mulheres. Relata-se que ele disse: “A morte no parto nada mais é do que morrer na nobre obra e na obediência a Deus. E, se as mulheres se cansam e por fim morrem de tanto gerar filhos, isso não faz mal. Deixem que morram gerando, é para isso que existem.” Lutero dava grande valor à “liberdade de consciência”, mas a respeito das mulheres disse: “Ela não pode começar nem concluir nada sem o marido; onde ele está, ali ela tem de estar e curvar-se diante dele como diante de um senhor, a quem temerá e a quem estará sujeita e obediente.” Ele não deixava espaço para a “liberdade de consciência” nas mulheres.

832 Lutero não é exceção no teor geral dos intérpretes da Bíblia. Talvez seja um pouco mais drástico em suas declarações do que alguns outros. Felizmente, as mulheres, quando ouviram a “graça livre” anunciada pelos pregadores, a aceitaram para si mesmas. E, contrariando o suposto ensino de Paulo, nos últimos anos as mulheres foram encorajadas a participar das reuniões públicas nas igrejas, pois se constatou que as reuniões sem a participação delas eram enfadonhas. Mas que direito tem a igreja de defender uma linha de ensino que ela desrespeita com suas próprias práticas? Não está na hora de a igreja ou mudar sua prática ou apagar esses ensinamentos de seus comentários, e harmonizar as duas coisas de uma forma ou de outra? O dever cabe sobretudo às mulheres de promover essa reconciliação entre

sua própria prática, a participação em reuniões públicas, e os ensinamentos que geralmente se atribuem à Bíblia.

833 Mas, se banirmos de nossa fé e de nosso ensino a ideia de que Deus, por causa do pecado de Eva, pôs sua mão destruidora sobre todo o sexo a que Eva pertencia – que será então da doutrina de que a promessa da semente da mulher, que esmagará a cabeça da serpente, pertence a todas as mulheres? A diferença é a seguinte: a triste profecia de Gênesis 3:16 cumpriu-se com superabundância no tormento e no sofrimento das mulheres, *herdados fisicamente*. A gloriosa profecia de Gênesis 3:15 também se cumprirá com superabundância, porém *não* por herança física, mas por *decisão* voluntária.

834 A profecia não é fatalista. Nenhuma mulher está destinada ao glorioso destino de cumprir essa profecia de que a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente. Isso não virá simplesmente sobre mim contra a minha vontade – de modo que eu possa gloriar-me do que virá, faça eu o que fizer. Só nos é dito que *algumas mulheres* alcançarão esse prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus; e, se eu não me juntar a elas, minha humilhação e meu castigo final serão tanto maiores, porque o prêmio estava diante de mim e eu o desprezei.

835 Como já expus, em toda a Bíblia nenhum pecado é mais exposto ao desprezo humano do que o de Esaú. Ele tinha em perspectiva um direito de primogenitura e, em relação a esse direito de primogenitura, a bênção profética de seu pai. Mas eram coisas futuras, cuja chegada podia demorar muito, enquanto ele sentia a necessidade urgente de saciar o apetite físico. Ele poderia ter estado na linhagem pela qual Cristo veio ao mundo; mas Cristo ainda demoraria muito a vir, – de fato, ainda não viria por cerca de dezessete séculos. Esaú vendeu seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas.

836 O Novo Testamento chama aquele de “*profano, que, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura*”, e acrescenta: “*Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado*” (Hebreus 12:16-17). A bênção de seu pai que repousava sobre ele, o herdeiro do direito de primogenitura, teria contribuído muito para seu bem-estar temporal; mas, depois de ter vendido esse direito, ele não pôde herdar essa bênção. O ato tinha sido cometido muito tempo antes. Não havia mais espaço para mudança. Ele ganhou um prato de lentilhas, mas perdeu uma porção dobrada dos bens de seu pai e o lugar de honra na família. Isaque não transferiria de volta a Esaú a bênção da primogenitura que havia pronunciado sobre Jacó. Ele tinha compreendido, penso eu, que Esaú só se importava com o proveito *temporal*.

837 Não se poderia traçar contraste maior do que aquele entre a conduta de Esaú e a conduta de Moisés, de quem o mesmo autor da Epístola aos Hebreus escreve: “*Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó ... porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito*”, que lhe haviam sido postos aos pés para seu desfrute (Hebreus 11:24-26). Imaginem! Esse distinto Moisés, educado em toda a sabedoria dos egípcios, filho da filha do rei! Ele se afasta de tudo e se põe do lado dos *escravos dos egípcios*! Que fanático! Ele aguarda um Cristo e sacrifica o mundo inteiro por esse Cristo, mil e quinhentos anos antes de Cristo vir!

838 E o que farão as mulheres do nosso tempo? Dirão elas: “A perspectiva é distante demais para ser atraente para mim. Se eu pudesse ver que, com grande empenho e muita abnegação, algo que valesse a pena poderia ser alcançado *no meu tempo*, seria outra coisa. Mas o pouco que posso fazer para acelerar a evangelização do mundo e a vinda de Cristo não fará diferença. Não tenho interesse em

ensinar, pregar ou orar em público. Não quero ser uma daquelas que vivem anunciando que Cristo vai voltar, e ele nunca vem. São figuras ridículas. Não posso juntar-me a elas.” Pessoas assim “não consideram o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito”.

“O que farão as mulheres do nosso tempo? Dirão elas: ‘A perspectiva é distante demais para ser atraente para mim?’ ”

839 A qual grupo vamos pertencer? Essa é a pergunta que cada uma de nós, mulheres, tem de responder. A indecisão não serve para nada nesta questão. Uma grande promessa e profecia – a maior de toda a Bíblia – está diante de nós, mulheres. Não há saída; ou escolhemos o melhor possível, visto do ponto de vista mais elevado, ou então nos mostramos como Esaús. Deus colocou o desafio diante da nossa fé. Vamos desprezar o nosso direito de primogenitura? Deus nos livre!

De Gênesis ao Apocalipse, Katharine C. Bushnell apresenta uma exposição minuciosa de (quase) todas as passagens bíblicas que tratam das mulheres. Como linguista especializada em hebraico e grego, ela estuda as passagens em suas línguas originais e em seu contexto histórico e chega a percepções que às vezes foram obscurecidas pelos tradutores da Bíblia. O livro nasceu dos esforços de toda a vida de Bushnell por reformas sociais em favor das mulheres, nos quais ela observou relações entre a condição das mulheres e mal-entendidos da Sagrada Escritura. Pesquisadores se apoiam em sua obra pioneira desde a primeira publicação, em 1921, e a consideram uma das melhores abordagens de toda a Bíblia sobre a questão do papel da mulher na igreja, na família e na sociedade.

Desperta, Eva — pois o céu está prestes a vir sobre você!

Katharine C. Bushnell (1855-1946) foi uma serva de Deus corajosa e talentosa, que tinha feito do versículo “Tudo posso naquele que me fortalece” o lema da sua vida. Ela foi médica, missionária, reformadora, autora e conferencista, além de uma estudiosa brilhante e original, que falava sete idiomas e dominava o grego antigo e o hebraico. Bushnell deixou a medicina para fazer aquilo que considerava um trabalho ainda mais importante, a saber, mudar as condições de vida degradantes das pessoas, assumindo um papel de liderança na Women’s Christian Temperance Union (WCTU), do movimento de mulheres do século 19. A posição bíblica das mulheres era de grande importância para Bushnell, pois ela chegou à conclusão de que traduções erradas eram responsáveis pela subjugação social e espiritual das mulheres. No ano de 1896, ela deixou a WCTU para dedicar os anos que lhe restavam à tarefa de escrever e transmitir a verdade bíblica do propósito original e inalterado de Deus: a plena igualdade das mulheres.



Livro de leitura e estudo com 100 lições + espaço para anotações

ISBN 978-3-944472-25-6 (RVB)

ISBN 978-3-86269-206-4 (VKW)

Notas

1. Por causa da extensão dos termos “Antigo Testamento” e “Novo Testamento”, a seguir, nestas lições, AT representa o primeiro e NT o segundo termo, enquanto a letra maiúscula M. remete o aluno à leitura marginal de um versículo em ambos.
2. O tratamento que Hamor dispensou a Diná, entre aqueles heveus primitivos, significava realmente casamento. Que Jacó tinha outras filhas, sabemos por Gênesis 46:7.
3. *The Herods*, p. 15
4. O Talmude contém “nada menos que quarenta” citações de Ben Siraque – *Lange’s Commentaries*, Apócrifos, p. 276.